ANO XII / OUTUBRO DE 1954 / N.º 118



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ABÍLIO TAVARES CARDOSO
Redactores — SEBASTIÃO ANTÓNIO RENDEIRO
— FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE OLIVEIRA FRANGO
Administrador — ANTÓNIO AUGUSTO SOBRAL

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

Do homem segundo S. Agostinho — J. Afonso 225
Caminhos de Albert Camus — A. Tavares 233
Santo Agostinho e os convertidos modernos — Alberto Neto ... 241
Da Iconografia cristã — A âncora — Francisco Nuno 247
Panorama — J. Canilho 251
Crónica — Alberto Neto 253
Aprensentamos 255



FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores

Tecidos pretos

R.M.

MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o
Clero, Seminaristas e Ordens religiosas
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

E. PINTO BASTO & C.ª, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
SEGUROS **CARVÃO**
(REPRESENTAÇÕES
INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC..

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

No XVI.º centenário do nascimento de Santo Agostinho

Do Homem segundo Santo Agostinho

«Fecisti nos ad Te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te». Confissões, l. I, C. I, 1.

A coexistência e intimidade entre a teologia e a filosofia é tamanha em Santo Agostinho, que sem a admitirmos, nada compreenderemos do seu pensamento. Daqui a fundamentação religiosa do humanismo augustiniano de que seguem esboçadas algumas coordenadas.

Para o ideal filosófico Antigo, em especial o Estóico, o corpo surge como um estorvo, até mesmo como artifício pertencente ao mundo exterior. Segundo Séneca o homem não passa de pura razão: «Louva nele o que não pode ser tirado... o que é próprio do homem. Perguntas o que lhe é próprio? A alma e na alma uma razão perfeita» (1). O corpo — «este... cárcere onde (a alma) está encerrada» (2) — é acidental e o seu desprezo é imposto pela sabedoria: «quem quererá, dentre os mortais, se possui ainda alguns restos de dignidade... abandonar a alma para se consagrar ao corpo?» (3). O corpo, origem de todos os sofrimentos, há mesmo que odiá-lo (Carta 120, 15-16).

---

(1) Carta 41, 8.
(2) De beneficiis, III, XX, I.
(3) De vita beata, C. V., 4.

* * *

Há em Santo Agostinho, no início da sua carreira filosófica, um certo pendor para a perspectiva acima apontada: no «Contra académicos» apelida o corpo de «cárcere tenebroso» (l. I, C. III, 9); ao referir-se à deficiência dos sentidos assinala outrossim a inferioridade do elemento físico («Solilóquios», l. I, C. IV, 9 e 10); e igualmente o «De immortalitate animae» apresenta o mesmo horror ao corpo (Cs. XV, 24 e XVI, 25).

Ao ultrapassar esta fase ainda acanhada e demasiadamente platonizante, Santo Agostinho não deixa de aproveitar a inspiração espiritualista da concepção platónica — a supremacia da alma sobre o corpo. Nota-se mesmo um período de transição, em que Santo Agostinho, já consciente da imperfeição da fórmula platónica, tenta elaborar uma concepção Cristã. Assim, no «De beata vita» aludira à composição dupla do homem — um corpo e uma alma (C. II, 7) — e no «De ordine» recorre à definição aristotélica: «sou um animal racional» (1). Índice deste estado de espírito é uma passagem do «De moribus Ecclesiae Catholicae» (C. IV, 6). Embora afirme expressamente a dualidade humana, depois de apelar para figuras platónicas acaba por hesitar quanto à determinação do elemento especificador.

Santo Agostinho, apesar de implacável no ataque ao estoicismo, não deixa de reconhecer a verdade apregoada por Varrão ao definir, numa coordenada sensata, o homem: «Que é o homem? Ele (Varrão) vê no homem duas substâncias, o corpo e a alma; e de nenhuma maneira duvida que destas duas substâncias a alma seja a melhor e a mais excelente; mas pergunta se a alma é o homem... pensa que o homem não é nem só a alma nem só o corpo, mas a alma e o corpo» (2).

Para Santo Agostinho pois, a alma e o corpo são partes indispensáveis e complementares do homem. Claro que a primeira é espiritual e a segunda material, surgindo o homem como zona fronteiriça no plano dos seres.

A definição aristotélica não lhe é estranha, Repete-a no «De Trini-

---

(1) l. II, XIX, 49.
(2) De civitate Dei, l. XIX, C. III.

tate»: «segundo a definição dos antigos o homem é um animal racional» (1). Ela não lhe interessa todavia. É dada na ordem do conhecimento, visto ser a razão a diferença específica que se juntou ao género — animal. Ora para o Doutor da Trindade, o básico é o espírito. O homem é para Agostinho «um espírito encarnado», opondo assim à frieza duma definição a própria realidade viva e palpitante; e não só por isso, é que a alma abrange muitas mais actividades além das intelectuais. A verdadeira visão do homem para Agostinho é uma «encarnação», ao contrário do mundo clássico para o qual aparecera em «desencarnação» no dizer sugestivo e correcto do professor Sciacca (2).

É nesta «encarnação» que se deve compreender a doutrina exposta no «De immortalitate animae». Mais do que forma substancial do corpo, a alma aparece-nos como o nível supremo do homem, aberto mesmo ao sobrenatural. É ela que «pela sua presença vivifica este corpo terrestre e mortal. Dá-lhe a sua unidade... conserva-lhe a harmonia e a proporção não sòmente na beleza, mas no crescimento e na geração» (3).

Encaremos mais de perto as relações entre corpo e alma. No plano ôntico, trata-se duma união substancial que redunda numa unidade perfeita: «conhecemos pelo testemunho da nossa mesma natureza que o corpo está unido à alma para que o homem seja inteiro e completo» (4).

Daqui resulta uma interacção que de modo algum diminui a espiritualidade da alma. Esta serve-se do corpo para realizar as acções mais simples e mais nobres. É ver como os Santos exprimiram a sua santidade por movimentos, por acções físicas. E as obras de misericórdia também o não confirmam («En. in ps. 83», 7; PL, 37, 1030)? Os mandamentos divinos são cumpridos dum modo visível «e outras (cousas) que nos são prescritas não as fazemos senão através do corpo» (5).

A intimidade entre o corpo e a alma é tamanha, que causamos por meio de reacções fisionómicas e corporais as nossas ideias e sentimentos: «opino que todo o movimento da alma produz alguma reacção no corpo.

---

(1) l. XV, C. VII, 11.
(2) Em conferência dita em Lisboa a 19 de Março de 1954 sobre Santo Agostinho e a questão social
(3) «De quant, animae, C. XXXIII, 70.
(4) De civ. Dei l, X, C. XXIX.
(5) En. in ps. 83, 7; PL, 1030.

Essa reacção chega a ser patente aos nossos sentidos quando os movimentos da alma são violentos. Não se dá isto, por exemplo, na tristeza e no alvoroço?» (1).

Ainda mais curioso é o aspecto contrário para que S.to Agostinho chama a atenção: a influência do organismo no mundo anímico. Alude à excitação glandular que descarrega intensidade emocional: «Mesmo os médicos dizem que a ira aumenta o fel. Ao acrescentar o fel, iramo-nos de novo com maior facilidade e até quase sem motivo» (2).

A mesma interdependência se observa no conhecimento, pelo articular, dos dados sensoriais com os intelectivos. As informações dadas pelos sentidos são válidas, mas precisam de ser intepretadas pela inteligência. Só com os sentidos não se conclui o conhecimento, mas sem eles jamais o começaremos («De Trin.», l. IX, c. III e l. XV, c. XII, 27).

Conhecido o homem como ser, vejamo-lo como bem.

A bondade do corpo é indiscutível («De civ. Dei, l. XIV, II) porque é uma criatura de Deus (« De mor. Eccl. Cath.», C. XX, 37). A interpretaçãos dos gregos e dos gnósticos e maniqueos que vêm no corpo humano um produto diabólico ou um amontoado de corrupção, não é apenas uma monstruosidade filosófica, é até uma heresia: «Que ideia tens do teu corpo? Julgo que o consideras como algo que veio de não sei donde; de um país inimigo sem dúvida; isto é falso, herético e blasfemo, porque um só é o Autor do espírito e do corpo; o qual quando fez o homem fez um e outro e ambos os juntou submetendo o corpo à alma e a alma a Ele» (3). O corpo é parte integral do homem, será sublimado na Glória: Mas eu quereria que tudo (o corpo e a alma) em mim estivesse são, porque tudo isso sou eu mesmo. E não quero ver-me separado eternamente do meu corpo como se me fôsse alheio, antes quero que todo ele se conserve comigo (4).

Quem atente no corpo humano não pode deixar de o achar um maravilhoso conjunto, todo belo e bom, traindo a bondade infinita de Deus: «E o próprio corpo — ainda que pela sua condição mortal nos assimile

---

(1) Cart. 9 (a Nebrídio), 3.
(2) Cart. 9 (a Nebrídio), 4.
(3) Serm. 30, 4.
(4) Ibíd.

aos animais e que ceda em vigor, à organização de vários deles — que testemunho não dá deste grande Deus, da Providência deste sublime Criador!» (1).

Apoiado nesta doutrina é que S.to Agostinho rebate os numerosos pseudo-ascetimos que vêem no corpo um inimigo do espírito, tirando daqui partido para explicarem o pecado e os dramas passionais do homem («De continentia», C. VIII, 19).

Forçosamente se há-de concluir pela bondade do homem: «seguramente estas duas cousas são boas, uma e outra: o espírito é um bem e o corpo é um bem, e o homem que é composto de um e de outro é incontestàvelmente um bem» (2).

As três propriedades extensivas a todo o ser — o «modo», a «forma» e a «ordem» — também se manifestam esplendidamente na criatura humana.

O «modo» na alma é acusado pela vontade, meio pelo qual o homem se pode aproximar ou afastar do bem. No corpo é indicado pelas disposições hamónicas dos seus orgãos e perfeição das respectivas funções («De civ. Dei», l. XXII, C. XXIV).

A «forma» surpreende-se na vida anímica com a existência das ideias, artes e ciências. No corpo pela configuração e saúde («De Trin.», l. III, S. III, 8). A «forma», unificando o homem, realiza-se nùclearmente pela vida mental («De Gen. cont. manich.», II, VII, 9; PL, 34, 200) que redunda na beleza e unicidade de todo o ser humano («Cart.» 18, 3).

Por fim, a «ordem» actua no físico pela arrumação proporcional das suas partes («De Trin.», l. III, 8), pelos processos de assimilação e geração («De civ. Dei», l. XXII, C. XXIV) — prova evidente duma finalidade ordenada —, e na parte espiritual pelas forças afectivas. Em conjunto, a «ordem» emana do homem pelo desejo de beatitude, localizado na ordem moral. A «ordem» actualiza o homem pelo amor, pista que o levará a Deus: «As cousas menos ordenadas acham-se inquietas: ordenam-se e descansam. O meu peso é o meu amor, ele me leva a onde quer

---

(1) De civ. Dei, l. XXII, C. XXVI.
(2) De contin. VII, 18.

que sou levado. O Teu dom nos abrasa e por ele somos levados até às alturas» (1).

*
* *

O retrato do homem ainda está incompleto. Faltam os mais importantes apoios: a filiação divina e a Encarnação. S.to Agostinho não preteriu Aristóteles influenciado por Platão; não, o que quiz foi abarcar o homem na plenitude do mistério Cristão: «Fesz-te Deus animal racional, antepôste aos animais: formou-te à Sua imagem» (2).

A grandeza do homem cresce na razão directa do seu afastamento da escala animal, explicita-se na intelecção e na consciência ética. E sendo o espírito que o especifica neste sentido, não será exagero aproximá-lo de Deus: a alma «é algo de espiritual, de incorpóreo, de vizinho da substância de Deus» (3).

A semelhança é tão flagrante que o homem vive numa trindade — imagem perfeita da Trindade Santíssima — : «esse, inteligere, amare». A amplitude do ser humano não é mais que a manifestação do compreender e do amar. Percebe-se a excelência da intelecção, é que o seu valor reside na verdade garantida por Deus. O compreender é um dos modos mais eficientes de existir.

A renúncia a esta perspectiva deslumbrante precipita o homem na miséria: é a negação do espírito, processo de atrofiamento pelo apêgo ao inferior e sensível.

*
* *

O mistério da Encarnação foi decisivo para a evolução mental de S.to Agostinho. A substituição do materialismo de Manes pelo espiritualismo exagerado dos neo-platónicos veio-lhe retardar a compreensão de tal mistério. A junção de Deus à humanidade era inadmissível. Só tardiamente intuiu no mistério («Conf.», l. VII, C. XIX, 25).

Abraçada a verdade de Deus feito homem, todo o seu pensamento

---

(1) Conf., l. XIII, C. IX, 10
(2) Serm., 120, 3.
(3) En. in ps. 145, 4; PL. 37, 1836.

se vai enriquecer, ganhando uma estruturação Cristológica. E o primeiro a beneficiar é o homem, dignificado em todo o seu ser pelo Verbo encarnado. Que à sua Imutável Divindade acresceu uma verdadeira humanidade.

E esta humanidade é igual à nossa; Cristo não é só homem pela alma, é-o também pelo corpo. O Filho de Deus tomou um corpo como o nosso («De doctrina Christiana», l. I, C. XIII).

O homem já de si bom, é elevado e abre-se-lhe a santificação («De contin.», Cs. X-XI).

E a Providência Divina previu tão bem a economia da nossa salvação, que os dois sexos compreendidos e beneficiados na Encarnação — o Verbo fez-se homem nascendo da Mulher («De agone Christiano», XI, 12).

A ressurreição, onde Cristo aparece plenamente glorioso, completa a sublimação do homem. Como Cristo, também será glorioso (« De doct. Chris. l. I, Cs. XIX e XXI), espiritualizando-se a própria carne na visão eterna de Deus. É a exaltação máxima da nossa natureza. Isto possível pela Encarnação; Cristo é o nosso perfeito e único modelo, atingindo n'Ele o homem a suma realização (De civ. Dei», l. IX, XIV e XV).

*
* *

O homem augustiniano é realista: narrado à força da carne, do espírito e da Graça. É angústia inquietante entre os modernos descer até à medula íntima do viver humano. O aproveitamento existencialista de toda a vida anímica — inteligência, inconsciente, intuição, instinto e vontade — pode simpatizar com S.to Agostinho.

Não é lícito reduzir a filosofia ao método, mas cada filósofo tem o seu. O de S.to Agostinho é em parte existencial: aceitação do misterioso dramatismo do homem, reconhecimento da dor, respeito pelo sentimento, consciência da auto-determinação ética.

Mas logo o descritivo se estabeliza no divino. É mesmo a partir da inconsistência humana que se aceita o transcendente. Não há salto mortal, tudo se unifica: a nossa vida mental acusa o Intelígivel Supremo, a consciência moral o Sumo Bem; e assim a Sabedoria é das coisas dos homens e das coisas de Deus.

Esta é a salvação: a angústia é provisória e tende à Paz; em vez de negação, abertura à vida na Caridade.

O viver não é uma condenação. A própria explicação do suícidio está no rejeitar duma não autêntica existência.

Quem não ama o seu ser? Os miseráveis não querem a morte, mas apenas o fim da sua miséria.

Não exprime o homem em si, de modo inefável, o suspirar universal da criação?

Os vermezitos que apesar de fraccionados palpitam de vida, as plantas que se enraízam na terra e abraçam o céu, os corpos que gravitam, não fogem todos eles ao nada?

A transiência não a nega S.to Agostinho. Mas sabe que o tempo começou com a criação, e que se consumará com a eternidade. Daqui a vida das duas cidades — a do céu e a da terra, a de Deus e a do homem — coexiste, escandalizando os ignorantes e implicando os sarcasmo dos soberbos. É o mistério do realizar-se cada qual, resolvido no amor da Santidade.

J. AFONSO

SANTIDADF SEM DEUS...

Caminhos de Albert Camus

A literatura, como todo o género de arte, reflecte a época a que pertence. Este carácter de índice, próprio da arte de escrever de todos os tempos, é tão marcado modernamente, que podemos considerá-lo a primeira característica das letras contemporâneas.

Vão longe os tempos em que, segundo o conceito corrente de poesia e de literatura, se entendia que os autores deviam ter em vista, antes de qualquer outro objectivo, o gosto e recreio dos leitores. Também é certo que o desenrolar da história, em cada época, foi sempre acompanhado dum esforço de penetração nessa mesma época. Porém, nunca como hoje o escritor se sentiu tão vivamente inclinado a aplicar a sua inteligência e a sua sensibilidade ao mundo que o rodeia, procurando, num esforço apaixonado, encontra-lhe o sentido, explicar-lhe os fenómenos, extruturar à sua luz toda a filosofia do homem, um humanismo renovado. Para isso procura partir do concreto, das realidades vitais, do existencial. Fenómeno sintomático do nosso tempo: a literatura e a filosofia encontram-se em terreno comum no ponto de partida. É tão intenso o desejo de acertar, tão forte o receio de ficar logrado, ou de ignorar toda a extenção da realidade humana, que o filósofo sente necessidade de perscrutar as manifestações da vida quotidiana, e de ele próprio experimentar na sua sensibilidade os problemas e angústias da hora. Numa palavra: hoje procura-se que o pensamento seja a tradução duma experiência. Pensar, sim, mas só depois de viver.

Não me cansarei de pôr em realce o fervor com que a grande maioria dos escritores actuais, mesmo os que acabam no desespêro, se lança à compreensão do seu mundo. O momento que passa é encarado como

decisivo. Está a surgir um mundo novo. O passado e o presente reuniram possibilidades imensas que permitirão edificar uma humanidade nova, em que as massas participem, numa medida mais larga e equitativa, nos benefícios da cultura e da civilização. Da reabilitação humana daqueles milhões de seres ofendidos na sua dignidade, que hoje, segundo uma expressão feliz, «só sabem que vivem porque sofrem», resultará a harmonia entre os homens e entre as nações. No diálogo pacífico, na convivência feliz, então sim, o homem encontrará o clima propício à sua plena realização. Esta a geral preocupação contemporânea.

Dupla perspectiva: o Céu, ou só a terra

Chegados que fomos a este ponto, importa estabelecer uma distinção. Dum lado colocaremos aqueles que, embora exigindo-se uma presença actuante a todas as realidades terrenas, não esquecem que Deus os criou para a eternidade, nossa morada definitiva; que aos interesses temporais é necessário antepor o reconhecimento e o respeito pela dimensão espiritual do ser humano; e que por ser Deus a própria fonte do amor entre os homens é sobretudo uma religião completamente vivida que nos fornece as energias para desenvolver uma acção generosa em prol do semeluhante. Esta a visão total. O segredo último da harmonia e da paz reside no amor, no Amor Incarnano — Jesus Cristo. Nele e por Ele o homem atingirá a perfeição.

Em campos opostos, encontraremos os que proclamam que o homem, para se realizar, não precisa de referir a sua vida a um plano superior, a qualquer realidade transcendente que, não existindo, só serve para o iludir, para o desviar das suas verdadeiras preocupações, e que o impede mesmo de prosseguir os seus objectivos de justiça terrena: a única que conta.

São os «filhos desta terra», como Gide a si próprio se cognominava, os que consideram exclusivamente a condição terrena do homem, e proclamam como única regra a necessidade de a ela se acomodar.

A corrente literária de que me vou ocupar entronca nesta segunda família. Mas atentemos desde já na característica que a especifica, na chocante contradição entre os princípios e as conclusões. Afirma que a vida não tem sentido nem finalidade, que o absurdo é a regra do uni-

verso, acabando por sustentar que o homem tem uma missão a cumprir, uma justiça a empreender. Parte do princípio que Deus não existe, que o absoluto é uma ilusão, e que o recurso ao transcendente, encorajando o formalismo e a hopocrisia, só encobre pretextos fáceis de comodismo e evasão; ao mesmo tempo, mesmo destronando Deus, quer lançar as bases de uma conduta humana, estabelecer uma fronteira, uma medida, uma regra moral. Lê-se na *Peste,* um dos romances de Camus, este diálogo impressionante:

> — «Em suma, diz Tarrou com simplicidade, o que me interessa é saber como me hei-de tornar santo.
> — Mas tu não acreditas em Deus, responde-lhe Rieux.
> — Justamente. Pode ser-se santo sem Deus, é o único problema concreto que eu conheço hoje». (1)

Conquanto se encontrem ainda bem longe da verdade, estes homens merecem a caridade da nossa atenção e da nossa compreensão. Fecharam-se numa ateísmo apaixonado e altivo, num racionalismo intransigente; laboram na mais completa ignorância da religião cristã, (e nós sabemos ser essa a principal razão porque a combatem) mas impressionam pela sinceridade, pelo seu empenho em tudo colocar ao serviço do semelhante, pelo sentido que ainda conservam de que a felicidade do mundo depende do respeito pelo homem.

Vamos tentar examinar de perto o drama angustioso destes que se vêem a braços com a espinhosa e inútil tarefa de edificar sobre o túmulo de Deus um verdadeiro ideal de santidade, duma santidade tida como único meio de o homem ser mais do que uma «paixão inútil» como quer Sartre.

Albert Camus perece ser o autor que nos dá o mais característico testemunho da sensibilidade contemporânea perante os problemas da existência. Apresenta-se como o escritor que melhor conseguiu integrar num conjunto harmónico todos os aspectos do ateísmo contemporâneo. Ao mesmo tempo, da sua experiência conclui-se fàcilmente que é impossível fundar um ideal de caridade segundo as reais exigências do nosso

---

(1) Pág. 279.

tempo, sem uma base no Absoluto, e no Absoluto comunicado às criaturas. É uma lição concreta e convincente dum mundo que vive num anseio generoso de implantar a justiça, de realizar a freternidade, e que ainda não atinou com o caminho.

O heroismo face ao absurdo

Passemos em revista os pontos principais do pensamento de Albert Camus.

Muito cedo deixou de acreditar em Deus. *Noces,* a sua primeira obra de envergadura, testemunha a mais completa ausência de inquietação religiosa. É um naturalismo amoral o que se respira nessas opulentas descrições da costa mediterrânica, que contam as núpcias do homem com a natureza. A felicidade humana consiste numa espécie de embriaguez solar, que faz viver o homem ao nível simples das árvores e do mar:

> «Fronte a pingar de suor, mas de corpo fresco dentro da ligeira malha que nos encobre, ostentamos a deliciosa fadiga dum dia de núpcias com o mundo» (1).

À primeira fase que corresponde ao período feliz da juventude, como o próprio confessa, sucede uma outra, a fase do absurdo. Transe da vida de Camus é, segundo ele, o caminho normal de todo o homem lúcido.

Num momento descobre-se o vazio da existência. O que é a vida? — um encadeado automático de acções sem outro objectivo orientador que a finalidade próxima acessória, um movimento maquinal sem ordenação nem sentido último.

Esta visão absurda que nasce fortuitamente, «...ao virar de uma esquina, na esplanada de um café...», apresenta-nos o mundo como de facto ele é : prolixo, estranho, irracional. Faz-nos ponderar a inutilidade, a impertinência do sofrimento e aviva a lembrança da morte, cuja certeza matemática toca o mais íntimo da nossa consciência. Então exclamaremos; «a aventura humana é inútil!». Sobrevirá a «náusea», como diz Sartre.

---

(1) Noces p, 22.

Esta experiência, se por um lado me certifica do absurdo do mundo, por outro põe em realce o meu desejo de clareza, o meu anseio de lógica e ordenação. «O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surgiu do seu choque, eis os três personagens do drama», (1) sintetiza Camus.

Esta trágica descoberta pode originar três atitudes diferentes. A primeira é a dos que optam pela suicídio. Se o mundo não tem sentido, se a vida é uma aventura dolorosa e inútil, parece mais lógico apressar-lhe o fim. Não, diz Camus, a experiência absurda fez-me atentar no meu desejo de clareza. A reacção da minha interioridade é a consciência a afirmar-se. Importa salvaguardar este primeiro valor. Não se resolve um problema liquidando um dos seus termos, mas sim encontrando a síntese que o concilie.

Um segundo caminho consiste em colocar a nossa esperança num mundo superior. Camus quer atingir toda a solução buscada numa fé religiosa. É também falsa esta resposta. Se o suicídio destruía a consciência, a esperança desnaturaria o absurdo que é a evidência das evidências. É inútil buscar alguma luz para decifrar os enigmas que nos rodeiam. É preciso mesmo conservar o absurdo porque foi ao seu contacto que o nosso *eu* ganhou independência, que se libertou da rotina dos hábitos quotidianos. Quem se refugia numa fé, qualquer que ela seja, confessa não ter coragem para enfrentar o absurdo da sua condição. A esperança é uma cobardia.

Qual então a atitude razoável? — a *revolta.* Só ela salvaguarda os dois dados da experiência: a consciência e o irracional do mundo. A revolta consiste em enfrentar com lucidez a nossa condição absurda. Nunca conformados, devemos aceitá-la com altivez, com orgulho. Vivemos sofrendo e a visão da morte contìnuamente nos lembra o frustrado da nossa existência. Conhecer isto, aceitá-lo sem desertar nem mendigar paliativos em «consolações religiosas», e continuar a viver, exige *esforço,* é mesmo heróico, mas é a única atitude coerentemente honesta do homem.

---

(1) Le Mythe de Sisyphe, pág. 45.

Acompanhemos o desenvolvimento da sua doutrina a partir deste ponto inicial. Esta revolta não é uma simples insurreição de carácter passageiro ou parcelar, mas toma proporções de revolta metafísica. A revolta metafísica «é o movimento pelo qual um homem se insurge contra a sua condição e a criação inteira. É metafísica porque contesta os fins do homem e da criação» (1).

O mundo e a vida são absurdos. Comumente atribui-se a Deus a criação. Deus não existe. Se existisse seria contra ele que nos voltaríamos. «O revoltado é forçosamente blasfemador». De facto é impossível que exista esse ser supremo, pessoal e responsável. O sofrimento e a morte seriam suficientes para o desqualificar e então não seria Deus. Como diz Sthendal «a única desculpa de Deus é não existir», ou como Duhamel: «Respeito demasiadamente a ideia de Deus para o tornar responsável de um mundo tão absurdo».

Mas, continua Camus, sendo o suicídio e a religião caminhos vedados, uma vez que é preciso continuar a viver, como há-de a revolta traduzir-se em acção? «Que significa a vida no universo do absurdo? — Interroga. Responde que desde o dia em que o homem se liberta do mundo a vida toma uma nova orientação: dali em diante conhece que todo o sentido absoluto que der à existência não passa de uma ilusão. Viver para Deus? — Não existe. Viver para a família, para a profissão? — Finalidades contingentes e passageiras que só podiam encarar-se como móbil duma vida, antes da experiência absurda. A verdadeira libertação do homem consiste em fazer tudo com a consciência lúcida de que nada vale a pena fazer. Nesta atitude estóica e orgulhosa reside a sua grandeza, só nesta linha encontrará a liberdade e a felicidade.

«É preciso imaginar Sísifo feliz»: (2) Assim como esse personagem mitológico, condenado para sempre a transportar o penedo até ao cume do monte, sabia de antemão que quando lá chegasse ele lhe fugiria das mãos rodando até ao vale, assim o homem tomará consciência da inutilidade do seu viver e, embora revoltado, aceitará honestamente o dia-a-dia, colhendo uma estranha alegria na sua lucidez.

---

(1) L' homme révolté, pág. 39.
(2) M. de S., pág. 168.

« Envergonhar-se de ser feliz sózinho » .....

Camus sente depois necessidade de concretizar a sua doutrina quanto às consequências da revolta em relação às obras.

A revolta metafísica é um fenómeno geral da história. Tomou proporções mais definidas a partir do cristianismo, porque foi este que introduziu, duma forma mais clara, a ideia de um Deus pessoal, responsável do mundo e dos homens.

Na prática, afirma, é difícil seguir uma acção na linha da génese da revolta. Então enumera a critica todos os que partindo dos mesmos dados iniciais, não conseguiram manter-se fiéis às origens desse movimento fecundo.

L'Homme révolté abre com o problema do homicídio. A infidilidade mais comum ao movimento da revolta é a legitimação do crime de homicídio. *Se Deus não existe, então tudo é permitido...* — esta a conclusão inevitável da maioria dos indivíduos que leva a aprovação da violência e do terrorismo. Então esclarece: matar homens é atraiçoar as origens. A revolta nasceu do espectáculo do mal e do sofrimento. Como pode aquela admitir o crime, indo estes, com evidência aumentar a dasarmonia do universo? Esta repugnâcia em matar, ou de qualquer modo fazer sofrer os homens, notêmo-lo, não é no universo de Camus uma mera abstracção, mas enraíza-se no mais profundo da sua sensibilidade.

O liberalismo e o marxismo, como todos os sistemas que duma forma ou de outra, directa ou indirectatamente, desrespeitam a vida humana são condenados. Em contrapartida Camus afirma a necessidade de desenvolver alguma acção para diminuir o sofrimento do semelhante. Mais, essa acção pode exigir-nos o sacrifício do nosso bem estar pessoal. Devemos acompanhar os outros nas sua dor, partilhar da tortura que os dilacera. Claro, nada nos impede de seguir o caminho da nossa felicidade. Porém, como diz Rambert, o «santo» da *Peste*, pode haver vergonha de ser feliz sózinho» (1).

---

(1) Pág. 229 e seg.

E acrescenta: «Nada no mundo vale a pena que nos afastemos do que nos é agradável. E todavia eu afasto-me sem que possa saber porquê». — É a percepção de que a felicidade se pode encontrar para lá do prazer pessoal, da renúncia ao que mais nos sorri. Renúncia por amor dos outros que sofrem, «por simpatia», como diz Rambert. O ideal de santidade é ideal de amor...

Como respiramos uma atmosfera diferente daquela que nos oprimia no universo do absurdo. Foi então a revolta que nos conduziu a esta abnegação pelo próximo? Voltaremos a este ponto.

A acção em prol do semelhante, o esforço por diminuir o mal e o sofrimento do mundo, pode revestir o carácter de revolução. Camus exemplifica-o na peça *Os Justos*. O ardor que manifesta na defesa da inviobilidade da vida humana atinge nesta obra e na *Peste* as regiões do paroxismo. «Fazer sofrer é a única maneira de se enganar» (1). Estas duas obras são o comentário empolgante deste princípio.

O liberalismo e o comunismo são condenados porque legitimam a violência e o homicídio. Em nome duma felicidade futura continuam a matar os inocentes e a fazer sofrer os desprotegidos. O cristianismo é vítima da mesma acusação. Prega o sofrimento e a resignação, servindo o despotismo e a injustiça. O cristão não trabalha para um mundo melhor porque vive com os olhos no paraizo, e os resultados são uma laxa e pusilânime resignação, uma evasão egoísta e incompreensível. O calor de Camus converte-se então em despeito contra o cristianismo.

Aumenta-lhe particularmente a irritação os aparentes compromissos da Igreja com algumas ditaduras políticas do género da de Franco. Um regime totalitário é um regime que se orienta pela lei da eficácia. A Igreja aplaude e coopera.

Resta pronunciar sobre o exposto o nosso juizo cristão, que ficará para um dos próximos números.

A. TAVARES

---

(1) Calígula, pág. 114

Santo Agostinho e os Convertidos modernos



Santo Agostinho é de entre todas as figuras da Antiguidade Cristã a que mais influenciou o pensamento moderno. Banhando as verdades da antiga filosofia grega na luz brilhante do Cristianismo, o grande Doutor foi a ponte de união da cultura antiga com o pensamento moderno. A sua obra, a quem a poeira dos tempos não envelheceu, continua actual e palpitante, como quando brotou impetuosa da pena do ilustre bispo de Hipona.

Conhecedor perfeito da psicologia humana, Agostinho vive nos milhares de homens que, como ele, sentem todo o drama da sua condição de criaturas. Vivendo na própria carne todos os problemas do humano, e sentindo ao mesmo tempo em si todo o apelo do divino, Santo Agostinho foi essa figura estranha e contraditória que às fraquezas da carne soube opor os triunfos da graça. E porque viveu intensamente todos esses dramas, as suas obras, em especial «As Confissões», têm tais acentos de sinceridade que o homem moderno sente ainda hoje nos lábios o calor dos gritos que queimaram os do Santo.

Entre o convite de Deus e a saudade dos espinhos que o mundo lhe dava, debatia-se a sua alma, fraca como a de qualquer mortal. Ele nos fala do flutuar da sua vontade. Ele nos diz dos seus propósitos frustrados. Ele nos conta o encadeado das suas quedas. Quem lê «As Confis-

sões» não pode deixar de se emocionar profundamente. Nada de planos preconcebidos, nada de artifícios exagerados. Com uma naturalidade espantosa vai-nos falando de si e de Deus. A crueza da exposição, o patético das suas angústias, os seus êxtases diante da beleza divina, em vez de o tornarem artificial, dão-lhe as cores movimentadas da verdade. Nesse livro não existem apenas os arroubos místicos duma hagiografia que já fez época. Há a verdade duma vida que precisou de mergulhar no pecado para sentir toda a fraqueza da sua condição de criatura. Antes de se falar do trabalho de Deus, descrevem-se as canseiras do homem.

*
* *

Não devemos, pois, estranhar a influência profunda de Santo Agostinho nos convertidos modernos. Ninguém duvida que a conversão é sempre e em todas as circunstâncias o fruto da graça de Deus. Duvidar seria desconhecer a obra deste grande Doutor que tão admiràvelmente falou sobre a condição humana e o concurso da graça. No entanto, Deus serve-se de instrumentos humanos para o acabamento dos seus desígnios. «As Confissões» foram sem dúvida um dos instrumentos mais eficazes de que a Providência se serviu no campo das conversões. Talvez porque muitos encontraram neste livro a exposição do seu drama, é que tantos se têm servido dele como instrumento do seu caminho para a Igreja.

É que o problema das conversões se resolve em última análise num único problema: o da humildade. O orgulho é para a maior parte dos homens a barreira intransponível da sua caminhada para Deus. E quer este se encare sob o prisma da sensualidade quer revista um carácter mais requintado de egoísmo é no fundo e sempre o mesmo problema: Deus que não pode tolerar ao homem a usurpação dos seus direitos e o homem que não quer prescindir duma glória que julga merecida. No meio desta luta se defende o homem moderno com as mesmas armas de há séculos atrás: — tenta dominar as coisas e as criaturas servindo-se delas, até que Deus lhe mostra o seu vazio. Se nesta altura o homem sabe calar dá-se a vitória de Deus. Em Agostinho foi o silêncio que venceu. Daí a sua maior lição. Daí a sua mais profunda influência.

*
* *

Da influência deste livro teve consciência o próprio Santo ao escrever: «Que opúsculo dos meus pôde Simpliciano conhecer mais divulgado e deleitável do que o livro das minhas Confissões?» (1) «Sei que a muitos irmãos muito agradou e agrada o livro das Confissões». (2) E depois deste, outros testemunhos nos falam no trabalho admirável de Deus através deste livro.

Petrarca, na sua obra «De contemptu mundi. Dialogus I», confessa singelamente: «Todas as vezes que li as tuas confissões me comovi até às lágrimas, impelido por dois sentimentos: a esperança e o temor. Parece que li a história dos meus próprios erros e não a dos de outro».

E Miguel Frederico Sciacca, convertido moderno, professor de filosofia na Universidade de Génova, ao falar dos obstáculos do seu peregrinar para Deus, aponta-nos o «pecado da razão» que tenta negar tudo o que transcende os limites do conhecimento natural ou racional. Ao sentir-se enredado no orgulho pergunta a si mesmo: Nós... «fortes em quê? livres em quê?» E termina dizendo: Não foi só o Evangelho que me levou a fazer-me estas perguntas a mim mesmo, mas também Agostinho, Pascal e Rosmini» (1)

Ramiro de Maeztu, notável ensaista espanhol assassinado pelos vermelhos durante a guerra de Espanha, sentiu todo o drama duma inteligência que não tem a humildade suficiente para aceitar um cristianismo salpicado de imperfeições. «No último quartel do século passado, imperava, no norte de Espanha, o preconceito de que as pessoas inteligentes eram pouco piedosas e as piedosas pouco inteligentes» (4) Mais uma vez Agostinho foi o luzeiro a alumiar na subida íngreme: «Foram

---

(1) De bono perseverantiae — citado no prefácio da tradução port. das Confissão dos P.es Jesuítas.

(2) Retractationum 11, VI — citado no prefácio da tradução por. das Confissões dos P.es Jesuítas.

(3) Homens ao encontro de Cristo.

(4) Homens que regressam à Igreja.

necessários cerca de 20 anos para achar o caminho que santo Agostinho percorreu num voo, em dez minutos». (1)

Eis como Estêvão Narayan, clérigo anglicano, nos descreve a sua chegada ao seio da verdadeira Igreja: «A grande reviravolta da minha vida, (...) operou-se quando certa manhã li uma prática de santo Agostinho, o grande bispo de Hipona, e esbarrei num passo muito curioso. Embora o tivesse lido já mais vezes, nunca me senti tão impressionado como naquela manhã. Era como se uma nova luz de aí brotasse ao meu encontro». (2) Embora convencido de que a Igreja Católica tinha todas as probabilidades de ser a Igreja de Cristo, continuava de mãos atadas, por julgar a anglicana um ramo vivo da mesma Igreja. «As palavras de Santo Agostinho destruiram-me esta ideia. A partir daquele dia deixei de ser anglicano. Mas apesar disso não podia decidir-me à obediência a Roma; porque, se bem que estivesse convencido de que Roma possuía todos os dogmas e espírito da Igreja primitiva, parecia-me também que ao antigo depósito da fé tinha acrescentado novos dogmas». (3)

Esta dúvida persistiu mas a exemplo do bispo de Hipona não o deixou inerte. Buscando a verdade, com afinco pôde ter a alegria de ler a obra do Cardeal Newmann «A Evolução dos Dogmas Católicos» que lhe dissipou todas as dúvidas. «Separei-me da Igreja Anglicana e dirigi-me para Trincomalee, onde, após uns exercícios prévios e uma instrução final, minha mulher e eu fomos recebidos no seio da Igreja Católica, na véspera de Domingo de Ramos de 1928».

Mais significativa que qualquer outra é a confissão singela de Papini: «Posso dizer que, antes de me voltar para Cristo, Santo Agostinho foi, com Pascal, o único escritor cristão que eu li com admiração não sòmente intelectual. E quando me debatia para sair da caverna do orgulho a respirar a atmosfera divina do absoluto, Santo Agostinho prestou-me um grande auxílio. Parecia-me que entre mim e ele alguma semelhança havia: também ele o literato e o amante da palavra mas simultaneamente o que busca a filosofia e a verdade a ponto de ser ten-

---

(1) Homens que regressam à Igreja.
(2) Homens que regressam à Igreja.
(3) Santo Agostinho de Giovanni Papini — citado no prefácio da trad. port. das Confissões.

tado pelo ocultismo, também ele o sensual e o desejoso de fama» (1).

E para terminar esta longa e elucidativa série de citações guardei para o fim as palavras de D. Wilibrordo Verkade, beneditino de Beuron que assim nos narra o influxo exercido nele pelas «Confissões:» «No ambiente religioso do convento minha alma abria-se maravilhosamente. Então começou para mim uma nova vida: a vida em Deus. Nele me iniciaram as Confissões de Santo Agostinho e a vida de Santa Teresa, escrita pela mesma Santa. Ainda me recordo da profunda emoção religiosa que estes livros despertaram em minha alma e até que ponto me incitaram a amar a Deus. Quando no meu quarto lia as Confissões, enchia-me de admiração. Era um livro tão velho e tão moderno ao mesmo tempo! Assim, por exemplo, aquela vida comum que Santo Agostinho havia planeado em companhia dos amigos Rosmaniano, Nebrídio, Alípio e Verecúndio, não havia sido também o nosso sonho? Senhor! E quanto mais rude que o meu, o combate que houve de sustentar aquele grande Santo para chegar à Verdade!

E que piedade, que agudeza de inteligência, que coração tão ardente se manifestam nesse livro imortal! Com frequência fechava o livro para meditar o que ia lendo. A oração brotava espontânea dos meus lábios» (2).

*

* *

Se a vida de Santo Agostinho é uma mensagem para cada um de nós, encontra todavia todo o seu significado para aqueles que vêm com os pés ensanguentados. «Só as almas que vieram de longe, dos arraiais da descrença, sabem avaliar as angústias e canseiras de quem saltita de sistema em sistema, de quem, de monte em monte, persegue a estrela da manhã, e esta sempre a distanciar-se ou a envolver-se na bruma!» (1).

---

(2) Citado no prefácio da tradução portuguesa das Confissões.
(3) Prefácio da tradução portuguesa das Confissões.

É o trabalho obscuro e misterioso de Deus. A alma, sem disso se aperceber é marcada passo a passo com o selo do divino. « A cada instante se visiona a acção de Deus, quer directa, pelas inspirações da graça, quer indirecta, por meio de Mónica e Ambrósio» (1)

A sua alma embora gemendo ainda sob o peso do pecado não sabe já dizer não. Deus não lho consente. Vai caminhando abismado no amor de Deus. E o seu grito é ainda o de todos aqueles que depois de conhecerem as belezas efémeras das coisas experimentam a beleza de Deus: «Tarde vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei». (Liv. X, cap. 27)

ALBERTO NETO

«Como os grandes convertidos, Agostinho experimentou o calafrio do ruir do castelo, em que falsamente localizava a verdade. Só as almas rectas têm coragem de caminhar em busca da fé, sem saber bem por onde; de destruir o que à custa de tantas fadigas levantaram».

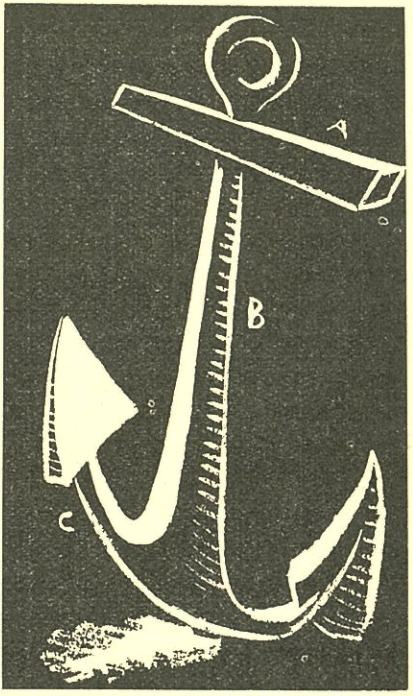
António Ambrósio de Pina, S. J.

---

(1) Prefácio da tradução portuguesa das Confissões.

Da Iconografia cristã

A ÂNCORA



Para conhecer na sua amplitude o cristianismo nascente, é necessário estudar e compreender os sinais por que se exprimiu. Dedicar-se, pois, ao estudo dos símbolos é enriquecer o Evangelho, não intrìnsecamente, mas no sentido de que por eles mais se reforça a sua antiguidade e autenticidade; não foi dos símbolos que nasceu o Evangelho; antes, são aqueles uma expressão, porventura a mais adequada, da Boa Nova de Jesus.

O símbolo não é pura fantasia de imaginação, nem o disfarce a sua única razão de ser. Verdade que para os cristãos perseguidos outros meio não havia de professar a sua crença senão servindo-se de expressões veladas; no entanto os sinais ajustavam-se com perfeição à ideia concebida, e deles usou a Igreja na catequese, seguindo aliás o método pedagógico de Jesus — «Et sine parabola non loquebatur illis» (1).

(1) Marcos, IV, 34.

Pode bem aplicar-se ao simbolismo primitivo o que D. António X. S. Monteiro, Bispo de Beja, deixou escrito àcerca da iconografia medieval: «A arte figurada representa toda a ciência e todo o dogma cristão. Mas os assuntos não estão lançados ao acaso; reina em todos eles uma ordem admirável que revela o talento dos homens dessa época» (1).

Estudar os símbolos, repito, é conhecer o cristianismo nascente e aproximar-se do sentimento autêntico de Jesus. Entre os entendidos, o da âncora é comumente tido como o mais interessante, e aparece mais frequentemente representado por expressar uma ideia que não pode deixar de preocupar qualquer mortal, e particularmente todo o cristão: a vida do além-túmulo, a amizade pelos mortos.

Em náutica, donde parece terem derivado outras significações, pode descrever-se a âncora como «a peça de ferro, de grande resistência e peso, que se deixa cair no fundo do mar ou dos rios, para ter os navios seguros e firmes». Desta noção fez uso a iconografia; conservando os seus elementos principais, apresenta-nos a âncora como símbolo da firmeza, da tranquilidade, da esperança.

Fazem parte da âncora o cepo (A), a haste (B) e os braços (C), os quais, assim dispostos, deixam fàcilmente entrever a figura da cruz. Os braços, em semicírculo normalmente, encontram-se também dispostos em seta.

Além do tipo comum de âncora — o cruciforme, existem vários outros, entre os quais merece referência especial pelo seu valor iconográfico, o tridentiforme, de três braços; é exclusivo da iconografia e foi introduzido bastante tempo depois do primeiro, para melhor se disfarçar.

O significado do símbolo é evidente dada a finalidade do objecto que reproduz.

Consideremo-lo como instrumento marítimo. A influência do meio na vida dos povos é quase sempre o factor primeiro da origem e desenvolvimento de toda uma maneira de expressar curiosa e única. Por outro lado, de todos é conhecido o papel preponderante do mar no desenvolvimento das civilizações antigas. Recrutados entre povos marinheiros, os

---

(1) Elementos de Arqueologia e iconografia cristã, § 225, c. I.

primeiros cristãos não podiam subtrair-se à influência do que de perto lhes ocupava todos os momentos da vida. O mar ditou muito da sua conduta e da sua maneira de expressar.

Feita para segurar o barco, a âncora tranquiliza o pescador, que confiadamente espera não se perder à deriva; do mesmo modo o cristão exprime, por este sinal ideográfico, a esperança firme e tranquila de não se perder eternamente. Não evitando a tempestade, a âncora opõe-se eficazmente ao naufrágio.

Pela semelhança com a cruz, os cristãos hão-de ver nela o meio único por que nos veio a salvação — Cristo, nossa esperança.

Deste sentimento de esperança estava impregnada toda a doutrina dos Apóstolos e dos primeiros Padres. É em S. Paulo que aparece pela primeira vez o simbolismo. «Tenhamos poderosíssima consolação, os que pomos o nosso refúgio em alcançar a esperança proposta, a qual temos como âncora segura e firme da alma» (1).

Depois dele — se é que a própria expressão do Apóstolo não é já produto do sentir corrente — surgem numerosas representações, algumas das quais são adiante apresentadas. Aparecida nos inícios do Séc. II, a âncora é utilizada até à época de Constantino, período em que os cristãos, como é sabido, puderam ostentar pùblicamente a sua crença.

Sobremodo preciosos pelos seus documentos, são os cemitérios de Priscila, Domitila e S. Calixto, o primeiro dos quais conta cerca de setenta representações.

Nas sepulturas de «Ilara» e «Felicitas« (cem. Priscila) a âncora foi simulada pela letra T. É significativo o relevo que lhe deram, e nítida a intenção de reproduzir a âncora. Com efeito, a haste horizontal da letra está recurvada para baixo, e na base, uma ligeira ranhura dá a ideia do cepo.

No cemitério de Domitila, dois peixes presos pela boca, um de cada lado, aos braços recurvados da âncora são imagem de Cristo na cruz. Semelhante a esta, existe outra pedra no cemitério de Priscila, onde os dois peixes estão suspensos do cepo, formando com a haste cruz perfeita.

---

(1) Heb. VI, 18.

Com o Bom Pastor, pode ver-se ao Louvre uma âncora gravada em epitáfio onde se lê: «LIVIA NICARUS LIVIAE PRIMITIVAE SORORI FECIT». A alma é levada por Cristo depois de nele ter confiado.

No cemitério de S. Calixto — epitáfio de URBICA — a pomba e a âncora traduzem na sua simplicidade artística um profundo sentimento cristão: Paz em Cristo.

A âncora rodeada de esrelas representa o triunfo da cruz a garantir a felicidade futura.

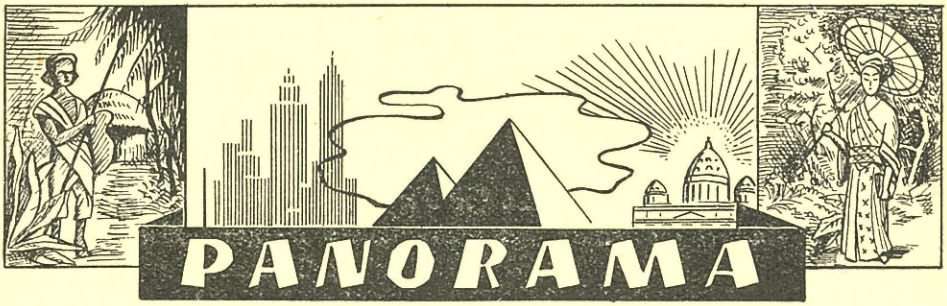
Mais interessantes, todavia, pelo conteúdo desenvolvido são: a inscrição da Filumena, no cemitério de Priscila, — LUMENA PAXTE CUMFI — onde se vêem duas âncoras, três flechas, a flor e a palma; e outra, no mesmo local, em que ao lado da âncora vem o Bom Pastor, o cetáceo engulindo Jonas e o leão. Segundo artigo de J. — P. KIRSCH (1), esta inscrição é única por ser mais completa que qualquer outra: «...que a alma do defunto seja preservada dos perigos da outra vida».

Na sua simplicidade, os símbolos tornaram-se para nós um enigma que é difícil de decifrar. «A linguagem das inscrições tumulares, diz o P. Miguel de Oliveira, é em geral simples e breve. Pode lamentar-se que os povos de remotas eras tivessem tão pouca consideração pelos sábios do nosso tempo». E conclui : «Mas é forçoso confessar que eles possuiam em mais alto grau o sentido das conveniências» (2).

FRANCISCO NUNO

---

(1) Tessalon IV 15.
(2) Epigrafia cristã em Portugal, p. 8.



Depoimento de autêntico espírito cristão

Numa civilização tão desorganizada, minada de egoísmos e iniquidades, só o Evangelho continua a ser a única Esperança do homem.

A ciência e a técnica transformaram o mundo, aumentaram as riquezas e facilitaram as condições de existência. No entanto a Sociedade continua em agonia no fundo da miséria material e espiritual em que jaz grande número dos seus membros.

E como não ser assim se os homens teimam em alicerçá-la nas mais tirânicas injustiças sociais?

«É facto que brada aos céus que multidões imensas, num mundo em que os bens aumentaram prodigiosamente, não tenham condições humanas de existência».

As riquezas e os bens da terra continuam injustamente repartidos. Tudo isto porque o homem do Séc. XX julga ultrapassada a mensagem Evangélica e superiormente a condena de utopia, afastando-a das instituições e estruturas nacionais e internacionais.

Vem isto a propósito duma notável carta pastoral dos bispos australianos, cuja transcendência não será demais encarecer.

Conhecendo bem o estado económico-social de muitas nações e as imensas possibilidades de acolhimento que podem oferecer as regiões da Austrália, sentiu o Episcopado a necessidade de esclarecer a consciência cristã em face do problema da emigração encarando-o dentro das exigências categóricas da lei moral.

O excedente de população e os débeis ou decadentes recursos económicos, a par das tiranias e ódios de guerras e políticas exacerbadas, lançaram muitos países numa autêntica miséria. E os problemas criados no plano económico-social, com repercussão não pequena no da própria moral são sobremaneira angustiantes.

Debalde se experimentam soluções ditas humanitárias, porque são quase sempre verdadeiros desafios à moral natural e cristã. Os problemas humanos não se resolvem com técnicas. E onde não se realiza o espírito da fraternidade de Cristo é inútil pretender instaurar ordem social.

Como única solução respeitadora dos direitos humanos, conseguintemente cristã, surge um programa bem organizado de emigração.

O Criador deixou o universo e os seus dons à disposição de todos os homens e todos, dentro dos limites das leis naturais e sociais, a eles devem ter livre acesso.

Os homens no entanto não querem

compreender assim. E só o cristianismo, em que reside o segredo do universalismo e fraternidade humana, pode defender tal direito contra o particularismo dos egoísmos individuais e nacionais.

Foi o que intrèpidamente fez o episcopado católico da Austrália.

Porque se pôs o problema

De 1947 a 1952 a população Australiana aumentou de 1.182.000 habitantes, sendo 700.000 imigrantes.

Tal facto alarmou a opinião pública e dividiu o país sobre a questão. O ladrão entrara em casa e a reacção pela defesa do património nacional não se fez esperar.

A aversão tradicional pelos estrangeiros de quase todas as nacionalidades e o pouco à vontade desta gente com a civilização europeia fez com que muitos australianos se revoltassem contra o seguimento da política de imigração. Era o puro homem a falar, ferido no seu egoísmo nacional.

Faltava falar o cristão. E estes tinham obrigação de o fazer, sob pena de se negarem a si próprios. Exigia-se que defendessem, na prática, o espírito de fraternidade do Evangelho.

Voz dos Bispos

Podemos continuar e mesmo acelerar o programa da imigração apesar das dificuldades que ele traz consigo? -- Era a grande questão.

E a consciência cristã foi magistralmente esclarecida, nos aspectos morais relativos ao problema, pela voz dos bispos, apoiada nas declarações do Vigário de Cristo.

1.º Existindo o direito natural de imigrar e emigrar, os governos têm obrigação de o não impedir.

2.º Nenhum país tem o direito de reservar um vasto território e grandes fontes de riqueza simplesmente para proteger uma tradição cultural ou por meras considerações de soberania nacional, recusando esses bens àqueles que, nascidos noturas regiões, deles tem necessidade.

«Ora num país como a Austrália, cujo desenvolvimento começa agora, como poderíamos nós, em consciência, recusar a ocasião de viver a milhões de homens, ùnicamente com a preocupação de monopolizar para nosso benefício exclusivo as riquezas do continente?»

«Quando a pobreza e a falta de segurança leva os pais de família a limitar artificialmente os nascimentos, como poderíamos nós, que temos tantos meios de resolver o problema, subtrair-nos a toda a nossa responsabilidade!»

As estatísticas revelam que a população da Austrália é inferior a um terço da que pode absorver. Para 9.000.000 de quilómetros quadrados apenas 9 milhões de almas, ou seja um habitante por quilómetro quadrado. Tais circunstâncias permitem-lhe conservar actualmente um nível de vida altamente luxuoso. E os bispos lembram que «é imprudente continuar a converter em indústrias secundárias grande parte do capital disponível, quando muitas nações são vítimas da fome».

Sobre a divisão da propriedade, o episcopado afirma: «Associar os imigrantes à nossa agricultura é o único meio de explorar as riquezas australianas».

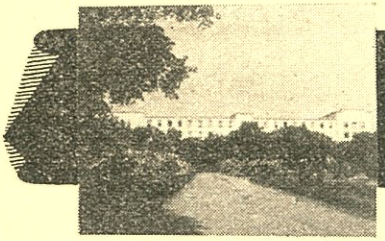
É preciso, para resumir, adoptar um sistema económico que vise objectivos radicalmente opostos àqueles que prevalecem hoje.

A intensificação do programa de imigração é uma política que se pode considerar como autêntico apostolado. E os bispos têm fé de que assim sejam compreendidos, graças à convicção que vão ganhando muitos responsáveis do país, de que a instalação de comunidades novas só pode trazer vantagens.

E sobretudo é consolador verificar o sentimento de responsabilidade moral que inquieta já numerosos Australianos, que atentam na obrigação de auxiliar a viver milhões de refugiados provenientes da Europa.

Oxalá que o exemplo frutifique e que o «grande e universal princípio — caridade cristã» não seja também esquecido noutras regiões do globo.

J. CANILHO



CRÓNICA

Aos pés de Maria

Mais uma vez os finalistas dos Seminários de Portugal se reuniram no Santuário de Fátima para pedir à Virgem coragem e entusiasmo no seu futuro apostolado.

Esta romagem teve duplo significado. Além de rasgar os limites acanhados de cada diocese — numa afirmação clara da universalidade da Igreja — e dar ensejo aos novos padres de porem em comum os seus sentimentos e ideais vem mostar aos homens que a união e a paz verdadeiras só se devem buscar adentro da barca de Pedro.

Que a Virgem Maria os faça na verdade «Padres para Deus e para os homens nossos irmãos».

Ainda Fátima

Coicidindo com a reunião dos finalistas estiveram em Fátima muitos dos grupos polifónicos dos Seminários do País, para comemorar o 50.º centenário do «Motu Proprio» de Pio X, sobre a música sacra.

A organização esteve a cargo do Rev.mo P.e Alegria, professor de música do Seminário de Evora. Além da missa e hora de vésperas houve uma sessão solene em honra da Virgem Santa Maria na qual cada Seminário participou com um ou dois números a vozes.

A todas as cerimónias se dignou assistir Sua Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria.

Aos organizadores desta reunião ficam devendo os seminaristas de Portugal o seu bem-haja sincero pela magnífica oportunidade que lhes deram de se conhecerem e tomarem um contacto mais íntimo.

Que seja o primeiro passo duma caminhada longa...

Pela Academia

No dia 2 de Junho a Academia de Santo António elegeu, de entre todos os académicos, o presidente do futuro ano.

À primeira votação ficou eleito por unanimidade o Rev.º Abílio Alvares Cardoso do 3.º ano de Teologia.

Estão de parabéns os académicos pela escolha acertada que fizeram. O novo presidente, na sessão final, descreveu em largas pinceladas o programa do futuro ano. Disse do seu propósito de continuar na mesma linha de conduta do ano transacto. Exprimiu o desejo de dar à Revista um caráter quanto possível mais litúrgico.

Pediu o concurso dos de boa vontade afirmando aceitar qualquer ideia nova que surgisse.

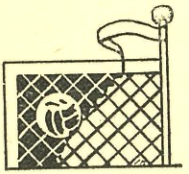
O presidente cessante, P.e António Jorge Martins, falou, na mesma sessão, de alguns males que urge remediar. Apelou para a compreensão de todos os seminaristas no que diz respeito à Re-

vista e à Academia. Há que reconhecer o seu valor formativo — único fim da sua existência.

Do nosso apoio e interesse resultará a profundidade da sua influência.

Com as palavras do Senhor Vice Reitor encerrou a Academia os trabalhos deste ano.

Futebol



Os nossos irmãos mais velhos mostraram mais uma vez a sua capacidade no campo do desporto.

Além do primeiro lugar no campeonato, conseguiram um honroso empate contra a Selecção do Seminário, no inesquecível jogo de despedida.

Daqui se conclue que a técnica pode superar a «velhice»...

Festa de despedida

O Seminário quiz dizer o seu adeus oficial ao novo punhado de Apóstolos.

Logo pela manhã foi celebrado um Solene Pontifical pelo Ex.mo Senhor Cónego Vice-Reitor.

Ao ofertório todos os finalistas, reunidos ao redor do altar, recitaram uma formosa oblação, composta para esse momento, pelo finalista Rev.º Fernando Maria de Carvalho. Nela puseram todo o seu entusiasmo de jóvens apóstolos num hino sentido de Acção de Graças.

Unidos aos nossos irmãos pedimos a Deus que os fizesse sacerdotes santos.

À tarde houve a costumada sessão solene presidida pelo nosso Eminentíssimo Prelado.

O Rev.º Alcides Martins falou pelos que partiam. O Seminário disse o seu adeus na palavra de José Sampaio Ferreira.

Reprensentou-se um auto de Calderon de la Barca, alusivo a Nossa Senhora que agradou plenamente pela maneira equilibrada como foi interpretado.

No início e intervalo da sessão foram cantados alguns números polifónicos debaixo da regência sempre competente e artística do Senhor P.e Vicoso Freire.

A terminar, o poeta Miguel Trigueiros, falou-nos do Sacerdócio.

A sua conferência agradou e convenceu. Ao entusiasmo da voz soube aliar a precisão do gosto e a arte correcta do dizer.

À firmeza dos conceitos teológicos se unia a música das palavras. Nela se adivinhava o pensamento seguro do cristão e o sentimento incontido do poeta.

Os problemas e grandezas do sacerdócio foram passando diante de nós numa lição dada com mestria.

Depois de agradecer ao grande poeta Miguel Trigueiros, Sua Eminência encerrou a sessão dizendo do seu agrado pela elevada atmosfera religiosa de tão significativa homenagem.

29 de Junho

Mais uma vez, no ambiente sóbrio e recolhido da Sé Patriarcal se reuniu o povo cristão em redor do seu Pastor para mais um Pontifical de Ordenações.

É sempre impressionante esta cerimónia cheia de significado, ao dia em que a Igreja comemora o martírio de S. Pedro e S. Paulo.

Para uns o entusiasmo incontido no primeiro passo, para outros a esperança risonha de quem espera a sua hora, para os mais velhos a plena realização do seu ideal.

Em todos o mesmo e único desejo: que cada novo sacerdote seja o que Deus deseja e a Igreja precisa.

Reuniões de Férias

Quando as férias vão em meio é sempre agradável e proveitoso um contacto directo com os colegas e superiores.

Atendendo a essa necessidade realizaram-se as habituais reuniões em Almada, Santarém, Guarda e Fátima.

Além dos nossos directores espirituais tivemos a presença amiga do Senhor Vice-Reitor.

Aos nossos superiores o nosso bem-haja sentido.

A. NETO

APRESENTAMOS...

O vosso grande Amigo - *EVANGELHO DOS PEQUENOS*

por Dominique Doris

A educação religiosa da criança tem merecido variadíssimos esforços apostólicos e o aparecimento de obras em verdade merecedoras de elogio.

Por isso, qualquer livro que apareça neste sentido é sempre alvo de regozijo e esperança. Ninguém ignora as dificuldades próprias da literatura infantil: ela deve ser em extremo simples, clara e povoada de imagens. O livro, que as Edições Católicas Paulistas fizeram chegar até nós, constitui uma obra apreciável, mais sem dúvida para crianças dos doze anos em diante que para as primeiras classes da Catequese.

Obra de excelente valor e digna de uma boa estante catequista. Pena é que a tradução não seja adaptada à infância, e a indiscriminada mistura do real com o romance crie o perigo de falsear a verdade na alma dos garotos. Tem passos a que poderíamos chamar aprócrifos do Séc. XX. Isso tornará mais atraente a sua leitura, mas por outro lado mais limitável.

Se os homens precisam tanto da verdade sem mistura, porque razão não tendemos já nisso no ensino das crianças.

A apresentação, mais piedosa que artística, não deixará de encantar os pequenitos sempre impressionáveis à cor e ao sentimentalismo.

Afinal, o livro vem lembrar esta grande verdade: que a educação da criança seja cristocêntrica em toda a linha, habituando de início as faculdades infantis a alimentarem-se de Jesus, nosso Deus, nosso Irmão, nosso Amigo.

Vão pois, de novo os nossos louvores para a Pia Sociedade de S. Paulo pela nobre tarefa de espalhar a boa imprensa.

A. L.

Nossa Senhora

2.ª Edição - Fulton J. Sheen

As palestras, que o famoso Mons. Sheen difunde em Televisão para todos os Estados Unidos, vão sendo conhecidas na Europa através de múltiplas traduções. «Nossa Senhora», título que os editores portugueses deram à obra de Fulton Sheen, melhor poderia dar-se como subtítulo de quase todos os escritos do Bispo Auxiliar de New York.

Ninguém como Fulton Sheen põe a claro as chagas do mundo actual que se vai perdendo e, ao mesmo tempo, fala tão esperançadamente no mundo da próxima vitória de Deus. Sob este signo, o da esperança, estão os treze capítulos do livro presente: *Senhora da Esperança, da Anunciação, do Natal, do Sol, da Redenção, etc. «A mulher»* como diz o título original.

«Maria está aqui para restaurar a inicial missão da mulher: ser A que traz Deus à humanidade». (p. 45). Maria—apologia sublime da mulher, eis no que resumem as páginas magníficas que Fulton Sheen escreveu. No entanto elas não se destinam exclusivamente a

piedosas leitoras, como não se destinaram as palestras dos Estúdios Dumont. Dirigem-se à mãe e à Virgem, ao operário que desrespeita a sua companheira de fábrica, e ao padrão que avilta a sua subordinada, ao descrente que ignora a Mãe de Cristo e ao crente adormecido que A não houve,, ao protestante que A menospreza e aos que A louvam e lhe rezam. A todos chegue, em Portugal, o livro que apresentamos. Só gostaríamos de que os editores nos dessem uma terceira edição com diferente título, apresentação mais artística e mais cuidada tradução. Não seria armar ratoeira aos que, por princípio, aborrecem o que transpira piedade. É uma questão de melhor acerto com a finalidade da obra. A arte também leva à verdade, o gosto também se sublima, o esmero literário também poderá entrar na linha do apostolado.

No mais, aplaudimos os editores. Estamos a seu lado.

F. M.

O EXCELSO DOM DA VIRGINDADE

na palavra luminosa do Vigário de Cristo

Encíclica «VIRGINITAS SACRA»

DE 24 DE MARÇO DE 1954

Traduzida e apresentada pelo Padre José da Felicidade Alves

Colecção **Sentir com a Igreja**

PEDIDOS A

Padre José da Felicidade Alves
Seminário dos Olivais, Lisboa
Centro Paroquial da Igreja de São Paulo, Lisboa

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas · Castiçais Lâmpadas Suspensões

Banheiras Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO — ELÉCTRICAS

CASAS DE BANHO — CENTRAL — CONTRA INCÊNDIOS

PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

VENTILAÇÃO

—— TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO ——



IMAGENS MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

FUNDADA EM 1866

Sousa Tavares L.da

220, RUA AUGUSTA, 222 — Telef. 2 7757

LISBOA

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA

ALA ESQUERDA LIMITADA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

TELEFONE 268 - BEJA - Apartado 25

(OFICINAS GRAFICAS DA DIOCESE)

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

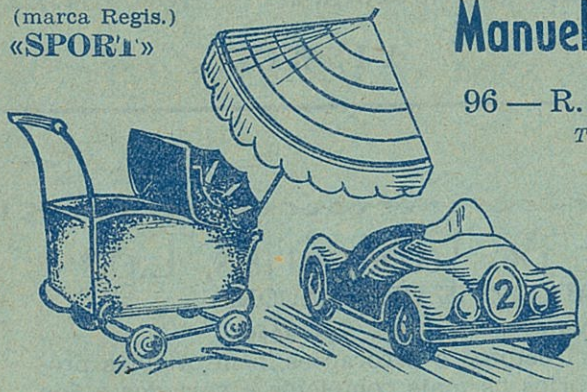
S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

(marca Regis.)

«SPORT»



Manuel José Soares

96 — R. Coelho Neto — 98

Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca «**SPORT**»

Especialidade em toldos, guarda-sois ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses

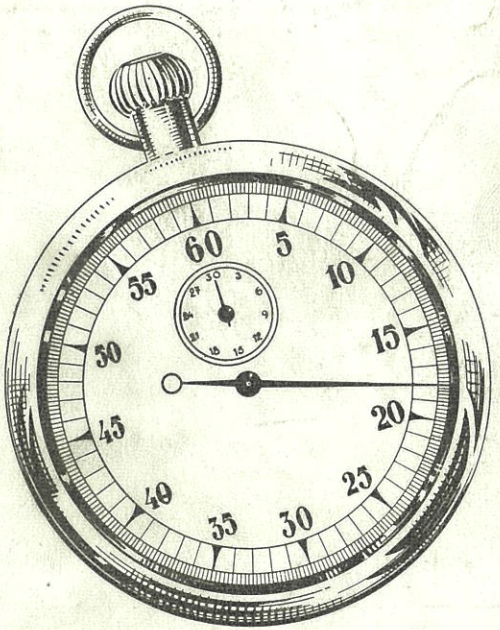


S A C O R

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL